A Costa septentrional do Brasil na cartographia dos primeiros lustros do seculo 16. (*)

Por J. B. Hafkemeyer S. J.

Segundo as noticias historicas que temos, Hojeda correu a costa septentrional da America do Sul 200 leguas até Paria e daqui á Quinquibacoa (1). Caetano da Silva fixou o ponto de sahida na terra de S. Ambrosio (Oyapoc) (2) Sobre a exploração de Vicente Yanez Pinzon esclarece a sua capitulação em que diz el-Rei da Hespanha: «Descobristes ciertas islas é tierra firme, que posistes los nombres siguientes: Santa Maria de la Consolacion, é Rostro hermoso, é dende alli seguistes la costa que se corre al Norueste fasta el Rio grande que llamastes Santa Maria de la Mar dulce, é por el mismo Norueste, toda la tierra de luengo fasta el cabo de San Vicente.» (3)

(*) São Leopoldo, 31 de Agosto de 1911.

Ex.mo Sr. Barão de Studart. Saudações. Remetto com o mesmo corre o copia de um trabalho meu entregue ao 2.º Congresso de Geographia em São Paulo, que talvez seja de interesse para os leitores da Rev. do Inst. Hist. Estimaria muito se agradasse e servisse a V. Exc.

Acceite os protestos da mais elevada consideração e estima com que sou

de V. Exc.
Admirador e cr.º obr.º
O. B. Hafkemeyer S. J.

(1). Navarrete, 31,544. (2). L'Oyapoc et l'Amazone, 2, 386. (3). L. c. p. 429. Diego de Lepe denominou o Rio grande Santa

A estes dous navegantes se ajunta ainda Lepe que, voltando em Junho de 1500 á Hespanha, pode influir no mappa de Juan de la Cosa. Caetano da Silva lhe attribue «o golfo de Santa Maria e el macareo e até o traçado com a maior parte das costas não visitadas por Hojeda, pois o cartographo tinha tres mezes para se informar com Lepe, emquanto Vicente Pinzon desembarcou quasi nas vesperas de uma nova viagem do auctor. (4).

Todas estas viagens de Hespanhoes, resumidas no mappa de Juan de la Cosa, não passaram do cabo em que o continente sul-americano dobra para sudoeste. (5)

Desde a expedição de Pedro Alvares Cabral Portuguezes e Hespanhoes se encontraram nestas terras (6) e, embora os Portuguezes, seguindo o exemplo de seus emulos, se empenhassem desde já em explorar a costa septentrional, em breve ficaria esta costa abandonada em consequencia de um erro de cartographia contemporanea.

A linha de demarcação, que indicava a ambos os paizes o caminho das descobertas, tambem na repartição da America devia ficar de importancia fundamental. O governo de Portugal exigiu, apenas se publicara a bulla papal, que se mudasse a linha por 270 legoas para o oeste para ter segura a navegação africana, pois ja sabiam das difficuldades das viagens ao longo da costa da Africa, ainda que só Vasco da Gama em 1497 experimentasse o

---

Catalina cf. E. L. Stevenson, Marine World Chart, p. 51. Este auctor attribue a legenda "todo este mar he de agoa dolce" á terceira viagem de Colombo. (4) Caetano da Silva, 2, 387. (5). Os primeiros nomes deste cabo cf. o trabalho do auctor: "As principaes representações cartographicas da costa brasileira nos primeiros tres lustros depois da descoberta" no Relatorio do Gymnasio Na. Sa. da Conceição em São Leopoldo. 1909. p. 21. (6). Temos mais algumas viagens desses annos bem documentadas, como p. e. as de Peralonso Niño e Christobal Guerra, ao mesmo tempo com Hojeda, e a de Rodrigo de Bastidas de 1500—1502, que singrou até o Puerto del Retrifes ou de Escribanos. Ruge, Die Entwicklung der Kartographie von Amerika bis 1570. p. 18. Cf. L. E. Stevenson, Marine World Chart of Nicolo de Canerio Januensis 1502 (circa) p. 43 ss.

desvio pelo oceano que por pouco lhe daria a gloria de Cabral. (1).

Assim o tratado de Tordesillas estabeleceu o meridiano divisorio dos dous paizes em 370 leguas das ilhas do Cabo Verde. Bem que estivesse fixado, os contratantes commetteram o erro de deixar indeterminado o valor da legoa até hoje disputado e demais a mais não indicaram a ilha donde devia começar a medição. Mas a maior difficuldade estava na applicação das 370 legoas por carecerem as ideas de tamanho e extensão da terra de clareza e determinação.

Notaram-se estas difficuldades no Congresso de Badajoz (1524), onde a foz do Amazonas foi toda adjudicada a Portugal, mas, desgraçadamente, o Amazonas ou Maranhão era na cartographia portugueza já desviado para o actual Maranhão. Segundo Caetano da Silva foi Diogo Leite quem introduzio a troca. O estudo dos mappas anteriores nos mostra, porem, que o erro veiu de mais longe.

D'onde este erro? Caetano da Silva nota como causa principal do engano a latitude austral do rio com o Mar de agua doce na maioria dos mappas (2). Talvez tivesse ainda maior peso o desenho dos primeiros mappas que davam á bahia do Maranhão maior largura do que ao Rio de Santa Maria de la Mar dulce de Vicente Pinzon. Assim o dão tanto Cantino como Canerio, augmentando a difficuldade pela direcção que dão á costa, que do Amazonas até a outra maior bahia corre em direcção de nordeste.

O fructo do engano amadureceu no mappa dos Reinel (4), onde a nomenclatura dos lugares denominados da costa até o Amazonas vae até a bahia do Maranhão, conti-

---

(1). Esmeraldo, De Situ Orbis, L. 4. cap. 5. p. 102. (2) L' Oyapoc et l' Amazone, 2, 353. (3). Cf. o que escreveu o P. João Fel. Bettendorf na sua Chronica (Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, V. 72 (1909) p. 5. (4) Reproduzido em J. Denucé, Les Origines de la cartographie portugaise et les cartes des Reinel.

nuando o desenho da costa que, uns 20 gráus mais ou menos daqui, mostra claramente a foz tanto do Pará como do Amazonas.

Mais evidente se torna ainda o erro destes cartographos pelas quinas de Portugal que são pintadas não somente em cima da costa da bahia do Maranhão até a foz do Pará, mas mais uma vez á margem do Amazonas conforme a estipulação de Badajoz, ainda que lhes faltem por completo nomes para todo este trecho da costa

Os Reinel, pae e filho, trabalhavam em Lisboa, sem collocação na Casa da India, pois se fossem empregados deste instituto, o rei não lhes daria licença de se mudarem para Sevilha em 1519 para collaborarem na empreza de Magalhães «Em relação constante, por sua profissão, com os pilotos, marinheiros e sabios, conheceram Magalhães e Faleiro em Lisboa, e forneceram-lhes até o globo ou mappamundi com o roteiro das Molucas que muito contribuiu para que os projectos de Magalhães fossem acceitos pelos conselheiros do rei Carlos». (1).

Voltaram os dous Reinel a Portugal, mas breve tornaram a mudar-se, a convite do imperador, para Sevilha trabalhando por muitos annos na Casa de la Contratacion da Sevilla.

Todos os mappas seguintes manifestam o influxo do mappa dos Reinel, começando de um mappa de um Portuguez anonymo de 1520 (2), e o de Diogo Ribeiro de 1529 (3) até o padrão real da Hespanha de 1536 (4).

A comparação dos dous mappas dos Reinel e do mappa de Alonso de Chaves (5) demonstra esta dependencia evidentemente até nas algaravias deste como no rio de Naubor que tem tanta semelhança com o danobom dos Reinel que dispensa qualquer explicação.

O que mais admira é que o erro se conservou na

(1). J. Denucé, Les Origines, p. 32. Cf. As principaes representações, p. 15 ss. (2). Kunstmann, Atlas 4. (3) Mémoire, Atlas. (4). Este mappa de Alonso de Chaves recompuzemos segundo o texto de Oviedo em Second Mémoire, V. 4, p. 1 ss. (5). Veja p. 32.

convicção dos Hespanhoes que os Portuguezes tinham explorado as terras de sua demarcação. A mesma persuasão tinham os Portuguezes dos Hespanhoes, mas como a linha de demarcação pelos motivos allegados era bastante indeterminada, o receio de um encontro inimigo induziu ambas as nações a abandonarem todo o trecho da costa da Guyana até o Maranhão actual.

Se a estabilidade da cartographia até o anno de 1516, tanto na configuração da costa como na nomenclatura, abona a nossa these, o roteiro de Gabriel Soares confirma-a, ao nosso ver, decisivamente. Dá elle para esta costa uma nomenclatura nova e muito rica, em tudo differente da cartographia primitiva que acabamos de considerar. Resume o roteiro de Gabriel Soares a geographia nacional e pratica, emquanto os cartographos dos primeiros lustros do seculo 16 dão a sabia e estrangeira.

Poucos nomes dos mappas europeus se conservaram neste roteiro, entre os quaes principalmente os que tinham uma denominação significativa, emquantoque as generalidades, como rio segundo ponta das correntes, bahia dos praces, ponta primeira etc. que de antemão só podiam aspirar a uma vida litteraria, desappareceram Entraram em troca muitos nomes de origem indiana, ou ajuntou-se á denominação que medrou entre os Brasileiros o nome com que os indios designavam o mesmo lugar, nomes que nunca ou muito tarde entraram na cartographia europea que demais a mais conservou a configuração errada dos primeiros mappas corrigida optimamente no roteiro da costa de Gabriel Soares, bem que as latitudes tambem aqui ainda deixem a desejar.

Reparamos que os nomes conservados dos primeiros mappas ficaram mais ou menos com a latitude geographica que se lhes deu nos primeros mappas no roteiro de Gabriel Soares. Tanto mais admira que o cabo Corso sahiu de todo do seu lugar, mas esta circumstancia abona o nosso parecer, pois a tradição daquellas explorações vinha de tão longe e tão pouco se tinha fixado que estas transposições de nomes se tornaram possiveis.

Reinel	Gabriel Soares
	rio Vicente Pinzon
	0 gr. cabo Corso (ponta do Amazonas)
	0°,20' outra ponta do rio
	1,°45' rio da Lama
	ponta dos Baixos
4° almadyas	2° ponta do rio do Maranhão
4° rio dos escravos	2°,45' outra ponta esparcelada
3°,40' golfo de todolos santos	2°,45' bahia dos Santos
3°,30' rio dos fumos	
3°,10' rio de Joām de Lixboa	2°,45' rio João de Lisboa
	2° bahia dos reis
3°,10' rio segundo	rio do parcel
	rio do meio
3° rio dànobom	2° bahia e rio do anno bom
3° baya	2° bahia da coroa
1°,45' ponta das correntes	Rio grande
1°,40' ponta	2°,15' rio dos negros
1°,30' c. da loeste	Barreiras Vermelhas
1°,30' terra de san Vicente	
1°,15' terra dos fumos	2°,20' ponta dos fumos
2°,10' b. dos praças (parceis)	2°,30' rio da cruz
1°,40' C. do Palmar	rio do Parcel

Rei	Gabriel Soares
2° terra da pescarya	
	rio das ostras
	enseada de Macorive
	porto dos marceis
3°,10' ponta dos praçes (parceis)	
2°,30' G. dos Negros	
2°,40' momte ely	
2°,45' ponta preta	2°,45' monte de Li
	rio Joaguarive
3° aguada	rio grande
3°,30' G. de Sam Lucas	
3°,15' C. branco	
3°,15' ponta dos fumos	3° bahia dos Arrecifes
3°,15' baia dos arafes (arrecifes)	
3°,15' C. corco	
3°,20' as serras	
3°,30' R. de sam myguell	3°,45' rio de S. Miguel
4° baia das tarrugas	4° rio grande
4°,30' ponta primeira	
4°,40' S. Roque	4°,10' C. de S. Roque
5° C. do pracer	4°,15' ponta de Goaripari
	4°,15' enseada de Ibapitanga
	5°,10' rio pequeno (nome ind. Baquipe)
	5°,15' rio grande
	porto dos Buzios
	enseada de Tabatinga
6° o atapipy	

Reinel	Gabriel Soares
	6° ric Itacoa tigara
	6°,5' rio Coaramatai
	enseada de Aratipicaba
	6°,15' rio Caramative
	6°,20' bahia da Traição (ind. Acajutibiro)
	6°,30' rio Magoape
	rio Parahyba (S. Domingos)
	rio Jagoaripe
	7° rio Aramama
	rio Abionabiajá
	6°,30' rio Capivarimirim
	7°,20' Tamaracá
	rio Igarucú
6°,30' ora pinhom	8° porto da villa de Olinda
7° baia de pitiaçua de treyção	ponta de Pero Cavarim (Percaauri, P. Lope)
	rio de Jaboatão
7°,20' C. de spichell	8°,30' C. de S. Agostinho
7°,35' R. das Pedras	
7°,40' R. das virtudes	
8° pernambuquo	
8°,5' rio do estremo	
8°,30' C. fremoso—Agostinho	

A comparação dos mappas dos Reinel com o roteiro de Gabriel Soares confirma isto em mais de um lugar (veja-se a tabella). No primeiro mappa dos Reinel vão notados todos os nomes dos diversos roteiros, que estes auctores tinham á disposição com os seus respectivos erros de latitude. Daqui tantos «parceis» e «arrecifes» e até a repetição de outros nomes como «terra de fumos» que em parte já desapparecem no segundo mappa destes auctores e por completo na obra do Brasileiro.

A historia confirma o argumento. As expedições de aventureiros como Diego de Ordas (1) e semelhantes (2) não podiam dar resultados praticos e assim vemos toda a costa septentrional abandonada durante o primeiro seculo. E mais alto do que o silencio dos historiadores falam as colonias de outras nações estabelecidas nestas paragens.

Foi ao principio do seculo 17 que os Brasileiros de Pernambuco, tendo recebido noticias de colonias estrangeiras no norte, começaram a marchar para a conquista do Maranhão. Os jesuitas tomaram a dianteira, pois sem a alliança dos indios era impossivel progredir e com este trabalho «os missionarios portuguezes prestaram á civilisação na bacia do Amazonas serviços tão importantes como nas outras partes do Brasil» (3) Ao mesmo tempo lembrou-se o governo da metropole do Amazonas e dos paizes adjacentes. Inglezes, Hollandezes e Irlandezes estavam estabelecidos em diversas partes e, como o governo conheceu que os governadores de Trindade e Guyana não eram fortes para impedir estas invasões, julgou preferivel ceder aos Portuguezes do Pará a margem esquerda do Amazonas e uma parte das terras do Cabo do Norte. A 4 de Novembro de 1621 a Regencia de Portu

(1). Southey, Historia dó Brasil (Trad. bras.), 1, 122 ss. (2). Varnhagen, Historia geral do Brasil (3. ed.) 1, 268. (3). Mémoire, 1, 75. Candido Mendes de Almeida, Memorias para a historia do extincto Estado do Maranhão 1, 8 nota.

gal foi avisada (1) e poucos annos depois Felippe 3.º separou do governo geral do Brasil o Estado do Maranhão e Pará.

Com estas medidas começou a expulsão dos estrangeiros, que bastante sangue devia custar seguindo-se a occupação e colonisação das terras que haviam de fazer parte da grande patria brasileira.

(1). Esta medida é confirmada por um documento hespanhol: "... que se poblase la costa que corre del Bresil hasta Santo Tomé de Guyana y Bocas del Drago y de los demas rios y que fueren tan anchos que no alcance la artilleria de una pa á outra se fortifiquen y aunque esta conquista es de la Corona de Castilla se podria encommendar a la de Portugal por venirles mas a quenta, y que por la noticia que ay de que en la otra costa ay poblaciones de Inglezes y Olandezes se podria embiar a reconozer y conforme lo que huviese podri tomar resolucion y prevenir lo necessario para echarlos". Museu britannico, Egerton, Coll. Mscr. 1131. fol. 36.—J. J. Justino de Andrade e Silva, Collecção Chronologica da Legislação Portugueza, Lisboa 1855, V. 3, p. 57 dá um resumo do despacho. Mémoire 1, 76.